

AS CIDADES-ÍCONES PAULISTAS

João Luiz Franchi

Da mesma forma que os piracicabanos elegeram seus ícones, podemos lançar um olhar sobre a história da evolução das cidades paulistas, atualmente com 645 municípios, espalhados em 247.898 quilômetros quadrados e 37 milhões de habitantes, e veremos que surgiram através dos séculos, algumas cidades diferenciadas, as chamadas "cidades-ícones". Essas cidades têm em comum o fato de possuírem um espírito próprio, diferenciado, que de alguma forma, contribuíram culturalmente para a expansão ocorrida desde o século XVI.

As cidades ícones podem ser consideradas como "criadoras" de novas povoações, e de possuírem uma cultura própria e rico folclore e religioso.

Podemos citar o caso de cidades nascidas entre 1532 (data da fundação da primeira vila brasileira) até 1767 (data oficial da fundação de Piracicaba)_ Eis a cidades -ícones selecionadas para fins deste estudo (21 ao todo):

São Vicente (1532), a primeira vila brasileira. Santos (1545), futura cidade portuária.

Santo André da Borda do Campo (1553), atual Santo André. São Paulo de Piratininga (1554), atual São Paulo.

Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém (1561), atual Itanhaém. Nossa Senhora das Neves de Iguapé (1577) , atual Iguape.

São João Batista de Cananéia (1587), atual Cananéia.

Santana de Moji das Três Cruzes (1611), atual Moji das Cruzes. D Santana de Parnaíba (1625).

São Sebastião (1636).

Exaltação de Santa Cruz de Ubatuba (1637), atual Ubatuba.

São Francisco de Chagas de Taubaté (1645), atual Taubaté.

Nossa Senhora da Conceição do Rio Paraíba (1653), atual Jacaréi.

Nossa Senhora do Desterro do Campo Alegre de Jundiaí (1655), atual Jundiaí.

Santo Antônio Guaratinguetá (1651), atual Guaratinguetá. Nossa Senhora Candelária de Outú-Guaçu (1657), atual Itu.

Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba (1661), atual Sorocaba.

Nossa Senhora do Bom Sucesso de Pindamonhangaba (1705), atual Pindamonhangaba.

Arariguaba (1721, atual Porto Feliz).

Itapetuba (1766)

Piracicaba (1710).

A toponímia, ou seja, o estudo histórico ou lingüístico da origem dos nomes próprios dos lugares revela duas faces distintas: a religiosidade trazida pelos lusitanos e a influência indígena presente

nesses nomes. P-x o~ AIDS estudar as características físicas e geográficas das cidades. Ressalta-se que até o século XVIII, o Brasil era uns Países bilíngües, sendo falado largamente o tupi-guarani e o português. São Vicente é a primeira das cidades brasileiras e paulistas. Fundada em 1532 por Martin Afonso de Souza, é dela que saem os primeiros luso-brasileiros, para tomar o Planalto Atlântico e fundar outras cidades no Litoral.

É bem verdade que a Capitania de São Vicente não teve o mesmo desenvolvimento econômico ocorrido em algumas Capitânicas do Nordeste, como Pernambuco, porém, do ponto de vista histórico e de expansão e ocupação do território brasileiro, sua história reveste-se de primeira importância.

Ao sairmos da Província Costeira, atingimos, através da Serra do Mar, o Planalto Atlântico, área de rochas cristalinas muito antigas e que tem em São Paulo de Piratininga, seu principal centro histórico. É nesta cidade que se formou o espírito desbravador do homem paulista, responsável pelo gigantismo territorial brasileiro.

No Vale do Paraíba, destaca-se Taubaté, uma das mais ricas cidades paulistas em termos de história, cultura e folclore. No século XVII, Taubaté chegou a rivalizar com São Paulo de Paraitinga, como a mais importante vila da Capitania da época. É de Taubaté que saíram inúmeros bandeirantes e desbravadores que vieram a achar o ouro em Minas Gerais, dando início ao povoamento do interior do País, no momento do ciclo da mineração. As gentes de Taubaté são as responsáveis pela fundação das cidades conhecidas atualmente como históricas em Minas Gerais, como, por exemplo, Ouro Preto. De Taubaté, também, saíram as sementes para a povoação do Vale do Paraíba paulista, nascendo cidades como Jacareí, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Paraíbauna, São Luís do Paraitinga e outras.

Segundo alguns historiadores, é de Taubaté que se irradia a chamada cultura caipira, cultura essa que iria atingir todo o interior de São Paulo. O modo de vida simples do vale paraibano, desde a época da mineração, passando pelos tropeiros e seus muare, pelo ciclo do café, iria formar uma cultura peculiar e genuinamente brasileira, refletida na vida simples, no amor à natureza, na música, na culinária, na religiosidade. Monteiro Lobato e Amâncio Mazzaroppi, filhos de Taubaté, eternizaram em seus personagens essa cultura.

Após São Paulo de Piratininga, surgiram ao longo do Vale do Rio Tietê, várias povoações que tiveram grande importância histórica no processo de ocupação do chamado sertão. É a época das grandes monções, que se utilizavam dos rios paulistas, para penetrar no sertão, atingindo terras de Mato Grosso.

Itu, por exemplo, foi um importante centro da política colonial no século XVIII, sendo que a cidade ainda guarda atualmente, os casarões daquele período histórico. De Porto Feliz, saíam muitas monções com destino aos sertões.

Já nas primeiras décadas do século XVIII, antes mesmo de o Capitão Antonio Correia Barbosa fundar oficialmente Piracicaba, em 1767, já havia nas margens do rio, a presença de sertanistas, como a família de Manuel Correa Arzão, desbravador dos sertões da Capitania de São Paulo (Monteiro, 1999). Uma próspera indústria de canoas, que eram utilizadas para a descida dos rios em direção ao sertão, foi a primeira atividade econômica do lugar. Piracicaba surge, então, como ponto estratégico de retaguarda ao

Forte de Iguatemi, que era uma estratégica posição portuguesa na fronteira com o Paraguai (Pompermayer, 1998).

Até o final do século XVIII, Piracicaba era o último povoamento no Interior. Dali para frente, era sertão e mata virgem. Alguns autores chamam esta região a partir da margem direita do Rio Piracicaba, como Sertão de Araraquara (Ferreira, 1957).

Estudando o Vale do Paraíba, vemos que Taubaté e Piracicaba têm muito em comum. Apesar de Taubaté ter surgido mais de um século antes, as duas cidades têm uma atmosfera diferente, pois são portadoras de uma cultura rica e de um folclore diversificado, sendo que ambas se espelham na cultura caipira. Essa cultura necessita ser preservada, propagada e estimulada, para que as futuras gerações não percam de vista suas origens.

Este amor ao lugar e às coisas da terra, facilmente presente em cidades-ícones como Piracicaba, é explicado pelo geógrafo chinês naturalizado norte-americano Yi-Fu Tuan, na sua obra Topofilia (Tuan, 1980).

Atualmente, os processos de mundialização e de globalização econômico parecem que tendem a sufocar e a aniquilar as culturas regionais. Quando a viola caipira dá lugar à guitarra, quando o cheesburger substitui o feijão tropeiro, quando o country ultrapassa o caipira, é momento de refletirmos o que queremos para as futuras gerações.

Concluindo, sem a valorização de nossa cultura e auto-compreensão de nossas origens, não poderemos esperar por soluções duradouras para os nossos problemas, principalmente os educacionais.

RESUMO

Recentemente foi divulgado à sociedade piracicabana o Projeto denominado: Piracicaba 2010, que tem como objetivo principal, colocar em prática um modelo de desenvolvimento sustentável para a cidade, visando a qualidade de vida de seus habitantes. Dentro do Projeto, está inserida a Agenda 21, sendo Piracicaba, a primeira cidade do Estado e a quarta do Brasil a apresentar a Agenda 21, em nível municipal (Folha de S. Paulo, 2001).

Outro objetivo desse Projeto é a valorização dos chamados ícones da cidade, que foram previamente escolhidos pela população: o Rio Piracicaba, o Engenho Central, a Rua do Porto, a Esalq, e o E.C. XV de Novembro. Esses símbolos são marcantes na paisagem da cidade, estão no íntimo do piracicabano como patrimônios da cidade. São lugares e instituições que dão vida e uma posição de destaque à Noiva da Colina, devido à sua importância histórica, ambiental, paisagística, cultural, científica ou sentimental. Vemos que o rio foi e é um elemento essencial na visão de mundo do piracicabano. Guardadas as devidas proporções, as civilizações egípcia e mesopotâmica também desenvolveram ambientes de beira rio. A topofilia do espaço geográfico piracicabano resulta dos laços

afetivos que a população tem com o lugar. A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar (Tuan, 1980).

Assim, espelhados na escolha dos ícones piracicabanos, estendemos o tema para uma escala um pouco maior, utilizando-nos desse modelo de classificação para estudarmos alguns municípios do Estado de São Paulo, denominados para fins deste estudo como *idades-ícones*, ou seja, cidades que têm um peso maior dentro da cultura e do folclore paulista. Deixamos de lado o viés econômico, para analisarmos a importância cultural e histórica desses municípios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Jurandyr Pires. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* - IBGE, Rio de Janeiro, RJ, 1957.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Piracicaba 2010 projeta "cidade modelo"*. Edição de 05.08.2001, página C6, Caderno Campinas. MONTEIRO, Noedi. *Os 200 anos da morte de Morgado Mateus*, in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, ano VI, no. 06. 1999.

POMPERMAYER, Rosa Maria T. *Espaço Urbano de Piracicaba*. Trabalho de formatura. FAPESP/UNESP/IGCE, Rio Claro, SP, 1998. SALGADO. Plínio. *Como Nasceram as Cidades do Brasil*. 58 edição, Editora Voz do Oeste, São Paulo, SP, 1978, 195 p.

TUAN, Y Fu. *Topofilia - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* Difel, São Paulo/Rio de Janeiro, 1980, 288o.